

# **Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (Duesc): Proposição Conceitual e Desenvolvimento Urbano Regional Nos Sertões Cearenses**

**Juscelino Gomes Lima**

**Docente do Instituto Federal do Piauí – Ifpi.**

## **Resumo:**

A presente comunicação objetiva apresentar uma nova proposta conceitual formulada em trabalho dissertativo denominada de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC). Por meio da mesma buscou-se compreender o conjunto de transformações sobre os solos urbanos que operam-se fortemente desde a década de 1990 em cidades sertanejas do Estado do Ceará, notadamente, a partir de ações imobiliárias. Essa nova base conceitual é parte notória e integrante de uma nova forma de compreender as cidades sertanejas do Estado do Ceará, denotando ai, novas condições de comando e desenvolvimento regional. Tomou se como norte de referência para essa discussão, a cidade de Sobral/CE. A base para tal nova consideração teórica ancora-se nas categorias de produção do Espaço, Região e Território. Nesse sentido, um diálogo pertinente encontra base em LEFEBVRE (1973); HAESBAERT (2002); SANTOS (1997), entre outros. Como resultado, apresenta-se organograma representando o esquema de relações/ligações dos fatores e elementos constitutivos considerados para a construção conceitual.

**Palavras Chave:** Dinâmicas Urbanas. Sertões. Ceará.

## **1. Introdução:**

Segundo o dicionário Silveira Bueno, a palavra Dinâmica<sup>1</sup> significa “parte da mecânica que estuda o movimento e as forças; movimento próprio”. Sinonimamente, destacam-se as palavras flexionadas: atividade (ativo); vigoroso (vigor), etc. ambos os termos destacados diretamente revelam ideias de ação, movimento, energia.

No caso das cidades, independente de sua classificação e tamanhos, mas recortadas sempre por contextos particulares (de formação; importância inter/intra regional, etc.) em suas evoluções territoriais e de composição é sempre nítido um movimento próprio, particular. Enfim, uma marca qualquer que lhes aponta o que são, para que são e como estão situadas dentro de diferentes escalas geográficas de importância.

Nesse sentido, a sinergia<sup>2</sup> constante sobre as cidades é carregada desta acepção: o de muitas dinâmicas. Vendo isso, a de lembrar-se que a cidade é resultado de relações sociais,

que desembocam em diferentes materialidades, marcadas por distintos processos de formação e organização espacial, com rebatimentos nesse sentido nas estruturas “[...] sejam sociais, sejam elas culturais, econômicas ou políticas [...]” (SAQUET, 2011, p. 71).

Particularmente sobre as realidades urbanas sertanejas cearenses<sup>3</sup> estas transformações são frutos de condições acumuladas e com forte impulso de forma recente, considerando o histórico de urbanização no Brasil. Pensando dessa forma e com vistas ao objetivo preterido buscou-se apropriar da discussão acerca da Produção do Espaço a partir de Henry Lefebvre. Também contribui nesse sentido uma discussão conceitual e aplicativa das categorias de análise Região e também a de Territórios. A escolha sobre estas discussões para a geração do conceito proposto repousa na ideia que ambas dialogam sobre um ponto em comum: o enfoque sobre o espaço.

Nesse ínterim, a presente comunicação objetiva apresentar uma nova proposta conceitual denominada de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC).

Para tanto, o artigo é constituído de seis seções: (2) Sobral: Apontamentos iniciais; (3) Produção do espaço: as concepções *Lefebvriana*; (4) Região e Território em questão: uma revisão necessária; (5) Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses: uma nova proposta conceitual; (6) Considerações finais. Finaliza a composição, (7) listagem das referências bibliográficas.

Na primeira seção é apontado o pensamento de Henri Lefebvre<sup>4</sup> acerca da produção do espaço. Já na segunda seção, é discutido o valores conceituais e aplicativos das categorias de análise Região e de Territórios<sup>5</sup>. Na terceira seção é apresentado do conceito de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC). A quarta seção traz as considerações finais. Por fim, é listado ao final, os nomes de autores que embasaram todas as ideias narradas e defendidas.

## **2. Sobral: Apontamentos iniciais**

De ponto inicial, entende-se ser necessário fixar um olhar cartográfico de localização de Sobral, conforme se vê na fig. 1 abaixo, pois, possibilita vê-la como algo estratégico que é somado a sua incursão de formação e organização socioterritorial, narradas em páginas a seguir, fatos que justificam as dinâmicas de transformação sobre a cidade. Importante mencionar, que os processos de organização espacial no Ceará, desde sua colonização, não concentraram-se apenas em Sobral.

**Fig.1:** Localização do Município de Sobral/CE



**Fonte:** O autor, 2013.

As condições sóciohistóricas orquestradas em espaços interiores do Ceará, notadamente, as que ajudaram a desenhar a cidade de Sobral, estreadas a partir de sua colonização no séc. XVI e amplamente desenvolvidas até o fim do séc. XX nos apresenta elementos de um quebra-cabeça, com peças perfeitamente encaixantes que se ligam para o além de seus formatos – o do conteúdo. Nesse direcionamento, a formação e consolidação da urbe sobralense e de tantas outras do interior do Nordeste do Brasil, considerando os similares processos de colonização são respaldadas pela ideia de que as cidades são “a expressão concreta de processos sociais na forma de um ambiente físico” (Harvey, 1972 apud CORRÊA, 2010).

Raciocinando nesse direcionamento, então há de se conceber de forma sintética que a cidade é um reflexo da sociedade. A cidade aqui objetivada e que vai de encontro com este entendimento são as denominadas médias. Contudo, quando lançamos um olhar sobre esta terminologia, veremos que a mesma estanca de relance para qualquer despercebido, no critério de grandeza. Quando falamos em cidades grandes, medias ou pequenas, nossa memória recorre a seu tamanho físico e como tal, abarcando diferentes possibilidades de sua exponencialidade urbana (tamanho populacional, produtividade, influências, etc.).

A despeito destas terminologias que elucidam vetor de grandeza, muito já se tem refletido, particularmente, quando se trata das cidades médias, momento dialético entre

diferentes estudos e áreas onde parece ausentar-se um consenso no uso e validade deste termo, uma vez que:

existem vários autores que tratam da questão das cidades médias e, através de seus estudos, pode-se notar que é difícil chegar a uma definição. No entanto, se for considerado apenas o fator populacional, pode-se destacar algumas posições. Na visão da CEPAL<sup>6</sup> cidade média é considerada como sendo aquela cidade que apresenta uma população entre 50 mil e 1 milhão de habitantes; já para Soares (2005)<sup>7</sup>, as cidades médias são representadas por um tamanho populacional entre 200 mil a 1 milhão de habitantes; por sua vez Maricato (2001)<sup>8</sup> coloca entre os limites de 100 e 500 mil habitantes [...] (STAMM et al, 2010, p. 73).

Não querendo aprofundar aqui esta discussão, mas apenas esclarecê-la, a título de parte de um diálogo inicial, é notório enxergar que sua fomentação terminológica é carregada de um longo percurso dialético de existência, advindo daí talvez a sua incapacidade de fundamentar nossos objetivos nesta parte do trabalho.

Assim, adotaremos o critério demográfico do IBGE que afirma ser estas cidades, as que se enquadram na totalidade de habitantes que vão de 100 a 500 mil habitantes, onde a cidade de Sobral, pela última averiguação do Censo deste órgão em 2010, registrou-se 166.310 habitantes. Associado a este critério, acreditamos também ser necessário:

uma preocupação em considerar outros elementos e, a nosso ver, a definição de cidade média deve ter por base além do critério demográfico, as funções urbanas das cidades relacionadas, sobretudo, os níveis de consumo e o comando da produção regional nos seus aspectos técnicos (FREIRE, 2011, p.37).

Justamente ao considerar estes outros elementos é que percebemos Sobral e tantas outras de seu leque classificatório que as mesmas, no transcorrer do séc. XX são resultantes das diferentes políticas de reordenamento territorial acontecidas em diferentes governos, ou melhor, dizendo, diferentes períodos desenvolvimentistas<sup>9</sup>. Estes estão inseridos no contexto nacional de transformações socioespaciais, via industrialização e que costuraram e processaram-se em três fases distintas, a saber:

a primeira engloba o início do século XX até a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE e é resultante do fortalecimento da proto-indústria na segunda metade do século XIX. A segunda é demarcada pelo intervencionismo institucional da SUDENE e demais órgãos e pelos projetos de integração nacional e industrialização. E, por último, responde o período pós-SUDENE, marcado pela desaceleração das políticas industriais experimentada nas últimas duas décadas (ALMEIDA, 2012, p.10).

De todo modo e por diferentes décadas do séc. XX, os gestores locais, se apresentaram como principais articuladores das políticas industriais e desenvolvimentistas. É a partir destas, que se dão os alicerces de crescimento e conteduização das cidades médias sertanejas, em particular relevo, Sobral, no Ceará. Nesse direcionamento, diferentes ações marcaram-se

como esforço da extensão de uma política nacional, onde entre a representação estatal maior e a menor:

o Nordeste ensaiou um grande surto de desenvolvimento via indução industrial, transformando a região numa produtora de bens intermediários - Surgiram pólos produtivos especializados como o petroquímico e cloroquímico, na Bahia, o metal-mecânico, em Pernambuco, o complexo de salgema e sucro-alcooleiro, em Alagoas, o complexo minero metalúrgico, no Maranhão, o pólo têxtil e de confecções de Fortaleza e o agroindustrial no perímetro irrigado do Médio São Francisco, dentre outros (Op.Cit. 2012, p.11).

Visualiza-se ai, o esforço do Estado na confecção de uma das mais ousadas e dialéticas formas de políticas públicas para “salvar” o Nordeste, de suas lastimações e atrasos. A forçosa tentativa de colocar o Brasil e seus “recortes” territoriais na dianteira da Divisão Internacional e Territorial do Trabalho, considerando a dinâmica capitalista no mundo pós Segunda Guerra, fez os “investidores, com o beneplácito do Estado, aumentam a articulação industria/agricultura, visando a integração de mercados. Onde o capital financeiro nacional e internacional se fez ampliar especulativamente e produtivamente” (HOLANDA, 2007, p.94).

As ações e projeções de investimentos e orientações para tal no Nordeste via SUDENE contribuíram de forma exemplar para uma reconfiguração espacial do Nordeste brasileiro e obviamente, de cidade interiores do estado do Ceará, a exemplo de Sobral que fora mediada pelo cortejo da implantação dos “Fixos e Fluxos”, tal qual aponta Santos (1997, p. 141).

Sobral e muitas outras (Quixadá; Juazeiro do Norte; Iguatú, etc.) nesse contexto são abarcadas por diversos equipamentos comerciais e de serviços até então exclusivos da/na capital, influenciando gostos, decisões de compra e a definição de consumo que se heterogeniza pelo fato de a massa populacional para tal ter origem diversas, advindo daí, costumes e condições financeiras de acesso desigual que marcam os cenários dos PIB's e com este a ciranda de desenvolvimento que se edifica e se reflete na organização espacial e de consumo de seu solo urbano.

### **3. Produção do espaço: as concepções Lefebvriana**

É sabido que das várias condições que marcam os processos de transformações/materializações sobre os espaços há destaque para a perspectiva temporal, que dentro do corpo científico da ciência geográfica é quase unanimidade a “discussão centrada na relação espaço-tempo, para entender a formação do espaço, do território, da paisagem e da regionalização. Esta relação espaço-tempo é considerada, nos estudos geográficos, de diferentes modos” (BRAGA, 2013, p. 04).

O vislumbrar deste relacionamento instiga-nos à constante capacidade de “leituras espaciais”. Muitas destas, amparadas em visões ideológicas que permitem enxergar o espaço para além de suas fragmentações, mas também em sua totalidade, já que antes daquelas, a constituição do mesmo se dá de forma “uno e múltipla, considerando que sua concepção envolve as seguintes categorias: natureza, espaço, sociedade e tempo” (SUERTEGARAY, 2001, p. 07).

Mas sobre estas categorias expandem-se as possibilidades de materializações diversas, ao longo do tempo, onde se permite uma reorganização do espaço em partes ou em outras palavras em possibilidades, já que o mesmo “é que reúne a todos, com suas diferenças, suas possibilidades diferentes, suas possibilidades diferentes de uso do espaço relacionados com possibilidades diferentes de uso do tempo” (SANTOS, 1997, p. 31).

As palavras “usos”, “diferentes” e “tempo” marcam o conteúdo da fala anterior de Santos. Estas são mediadas pela ideia de possibilidades. Uma destas e de forma particular, são as que se realizam pelas ações humanas, quer seja no formato de diferentes relações homem x homem e ou ainda na relação homem x natureza que dão-se sobre os diferentes espaços. Sobre os mesmos, apontam-se modos e concepções diferentes de/em fazê-los, margeados na retilínea do tempo, gerando um quadro dialético de relacionamentos.

É aí que entra as reflexões de Henri Lefebvre nas discussões sobre ‘produção do espaço’. No entremear da análise, algumas problemáticas são apontadas por este estudioso, dentre elas: quem produz e para quem? O que é produzir? Como e por que produzir?

Vê-se aí que o termo chave de suas inquietações é a palavra produção. Seja ela material ou imaterial, os espaços (via sociedades) circunstanciam-se pela constante capacidade de produzir:

ora coisas (produtos), ora obras (todo o resto). As coisas são enumeradas, contadas, apreciadas em dinheiro, trocadas. E as obras? Dificilmente. Produzir, em sentido amplo, é produzir ciência, arte, relações entre seres humanos, tempo e espaço, acontecimentos, história, instituições, a própria sociedade, a cidade, o Estado, em uma palavra: tudo. A produção de produtos é impessoal; a produção de obras não se compreende se ela não depende de sujeitos (LEFEBVRE, 1973 *apud* GODOY, 2008, p. 128).

Em outras palavras, tanto a sociedade e os seus respectivos espaços encontram-se na esteira de relações que são estreitadas pela presença do dinheiro. Sendo que a vida social dos indivíduos se faz assinalada por meio de suas ações que consideram este fator como elemento principal no contexto dos relacionamentos apontados anteriormente.

Se considerarmos então que a constituição dos espaços urbanos dá-se nesse formato, é perceptível que o pensamento do autor envereda pela compreensão da existência de “relações

analíticas entre o urbano e a vida cotidiana, sendo estes, ao mesmo tempo, produtos e produção do espaço” (SOTO, 2013, p. 180).

A lógica do trabalho insere-se diretamente nessa reflexão. Karl Marx é o expoente em que se origina esta discussão, particularmente, quando se conjectura na tese de que “é no trabalho que se manifesta a superioridade humana ante os demais seres vivos. Ele seria a realização do próprio homem, a fonte de toda riqueza e bem material” (OLIVEIRA, 2010, p. 72).

A categoria em amostragem se faz engendrada no espaço, notadamente, o urbano, pelas movimentações das diversas materialidades – estradas, estruturas de armazenamento de mercadorias, como também de condições à sua existência (que se explicitam nos espaços permitindo o “correr”, o “trafegar” das mercadorias, investimentos, indivíduos via migrações, etc.).

Ambos induzidos pelas práticas de planejamentos para tais, oportunidade que o retorno ao pensamento de Lefebvre, permite considerar um conjunto de alianças, que mesmo dialeticamente, dar-se entre “a sociedade, o Estado, o capital, o poder, a produção e as relações espaço/ sociedade” (GODOY, 2008, p. 129).

Voltando então às inquietações levantadas por Lefebvre anteriormente e sua visualização sobre as realidades em que se estruturam os espaços geográficos, notadamente, os urbanos, há de perceber que no ano da publicação deste seu pensamento (1973) certamente o mesmo não ouvira falar e ou pensara nos ditos “agentes produtores espaciais”, explicitados por Corrêa (2002).

Os espaços urbanos, sendo então obra das ações particulares, mas com discursos aproximativos, que se voltam para a coletividade e sempre objetivada por tais, são direcionadas sempre para fins específicos que deem conta das realidades socioespaciais as quais se encontram submetidas. Nesse ponto, estas ideias conseguem responder em parte as inquietações lefebvreviana.

A outra parte pode ser reconhecida ao enxergar que as cidades além de serem constantemente reproduzidas, por meios de diferentes materialidades, em suas escalas de existência se fazem também:

justificada pelo trabalho enquanto atividade transformadora do homem social, fruto de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, e aparece aos nossos olhos, por exemplo, através do tipo de atividade, do tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipo de veículos, cores, usos etc. (NEVES, 2009, p. 02).

A forma então como aparecem (ou melhor dizendo, emergem) as cidades sertanejas do estado do Ceará, é sob este formato, o de sucessivas e contínuas transformações em seu interior: os novos arquétipos de moradias; um frenético quadro de atividades comerciais e de serviços; a chegada de cursos superiores e de aperfeiçoamento/treinamento, por meio de diferentes instituições de ensino; a inauguração de novos padrões de comportamento de consumo (materiais e imateriais), alicerçados pela abrangência das redes de comunicação em massa. Enfim, uma diversa e seletiva capacidade de materialidade de capital nas cidades. Tudo isso, com uma escala de abrangência e influência micro e macro regional, diferenciadas.

#### **4. Região e Território em questão: uma revisão necessária**

É na esteira deste pensamento e dos que vem se constituindo que emerge o debate sobre Território e Região<sup>10</sup>. O enveredar sobre tais e para esta reflexão repousa em dois grandes momentos de exame: o da importância conceitual de tais termos quando da perspectiva de planejamento regional e o outro quando direcionado à compreensão da constituição da ciência geográfica, logo, dos processos de teorização pertinentes.

À luz da constituição da geografia, Corrêa (2010) comenta que a origem do termo região repousa no termo *regio*, proveniente do latim, o qual se referia “à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano”. Assiste-se, nessa perspectiva, e considerando o radical da palavra ser proveniente do verbo *regere* (governar), a uma concepção e “conotação eminentemente política”.

Deste fato reconhece-se a incorporação da dimensão espacial nas discussões relativas à política, cultura e economia, e no que se refere às noções de autonomia, soberania, direitos, etc. Dando um salto no tempo histórico, particularmente, no momento em que a geografia é concebida como área do saber científico, se faz importante lembrar das figuras expoentes na construção teórica acerca deste termo, a exemplo de Paul Vidal de La Blache e Richard Hartshorne, respectivamente mestre e aprendiz de constituições teóricas da revelada Geografia Tradicional (final do séc. XIX e início do XX).

É por meio dos esforços destes (apesar de serem de lugares e contextos históricos diferentes) que ambos “constituem-se em referenciais aos estudos de caráter regional em função de sua contribuição para a sistematização dos estudos que se propunham a analisar um espaço geográfico pela lógica zonal” (HAESBAERT, 1999, p. 18).

Dessa forma, o entendimento de Região à sombra geográfica gerou duas matrizes analíticas: o político e natural. Este último, em sua constituição, deu escopo de importância à geografia ainda no séc. XIX, quando da difusão das ideias de Friedrich Ratzel, via

postulações do Determinismo ambiental. Deste, houvera o despertar para a percepção também dos espaços como vetores de usos políticos.

Como resultado dos processos evolutivos, as ideias então consagradas pelo pensamento geográfico alemão foram veemente rebatidos pelas acepções teórico/ideológica do Possibilismo de La Blache, no pensamento Francês. Os embates permitiram o desdobrar da ciência geográfica em várias vertentes e condições de pensamento.

Dessa forma, os choques ideológicos, além de fomentaram possibilidade de avanços, também permitiram desgastes para com a ciência em destaque na extensão do século XX, notadamente, entre a denominada Geografia física e Humana. Uma das facetas que marcaram ambas vertentes do conhecimento fora a promoção de condições teórico/metodológicas próprias, porém, dispares dentro do contexto geral da ciência em difusão.

A natureza, com seus elementos, fenômenos e diferenciações regionais, tomada como ‘pano de fundo’ para cunhagem do conhecimento geográfico desde fins do séc. XIX tem seu interesse de estudos recuado na segunda metade do século seguinte, oportunidade em que se estabeleceu uma nova unidade de concepção e pensamento geográfico materializado no contexto do pós:

Segunda Guerra, nos meados da década de 1950, sob a dinâmica da nova fase de expansão capitalista, nova divisão social e territorial do trabalho é posta em ação, promovendo a dissolução de regiões anteriores à guerra e a ação humana constrói novas formas espaciais: rodovias, represas, etc., sob o signo da mudança no conteúdo e nos limites espaciais. Nesse cenário, o papel ideológico da “Nova Geografia” buscou justificar a expansão capitalista e valorizar as transformações que afetaram gêneros de vida e paisagens, através do discurso do desenvolvimento (MIDDLEJ *et al* 2005, p. 05).

São as rápidas e acumuladas transformações operantes no mundo, em especial destaque, nos ditos países de ‘Terceiro Mundo’ que estimula o emergir de uma nova abordagem geográfica denominada de Geografia Crítica, alicerçada a partir dos anos de 1970 e que usa o “conceito de região para entender o desenvolvimento desigual de porções do território” (ABREU; ALMEIDA, 2010, p. 10). A discussão que dá-se partir de então revela o nítido valor, uso e prestatividade dos territórios com vistas à política de interesses e atuações capitais.

É diante desse cenário que se faz então relevante resgatar a noção de Territórios, consubstanciado na abordagem geográfica e trazê-lo à tônica do debate aqui tencionado. De imediato, diz-se que o mesmo é reconhecido “pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, [...], ou [...] a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política” (SANTOS, 2002, p. 05).

Vê-se aí um palco misto de onde saltam várias perspectivas: natural, artificial, o social e até o político. Pela concepção naturalista, tal qual da forma em que embrionara e desenvolvera-se o termo região, a lógica conceitual e aplicativa dos territórios naturais fora também defendida por Ratzel, que defendia a importância para o desenvolvimento da vida, na verdade, um *habitat*, onde deveria existir as condições, os elementos que permitissem a perpetuação e sucesso vital de uma coletividade social.

A vida então em desenvolvimento estabelecia-se na medida da existência e usos dos recursos e condições identificados no território, sendo o homem, dentro deste espaço um ser político (ou não), onde “o território existe sem a presença do homem, desocupado (apolítico) ou com a presença deste e com o domínio do Estado (político)” (MORAES, 1990 *apud* FERREIRA, 2009, p. 39).

O fator vida parece ser então elemento chave para existência, reconhecimento e validade de tal categoria, a partir de sua inauguração, no processo de evolução do pensamento geográfico. As formas de relacionamento e a capacidade de gerenciamento dos elementos que viessem contribuir para que tal fator pudesse evoluir/progredir seria então o mote decisivo para o sucesso (ou não) dos lugares.

Estranho pareceria se tal fato não fosse assim reconhecido, já que etimologicamente a palavra território vem do latim *territorium*, que significa pedaço de terra apropriado. Esta significação é maturada pelo enxergar do entrelaçar que os homens então faziam a um pedaço de chão, edificando suas bases materiais e ou ideológicas. É daí que tomam validade as perspectivas artificial, social e política, explicitada anteriormente.

As transformações materiais que se operaram fortemente no pós II Guerra Mundial, em diferentes recortes geográficos, além de engendrarem novas composições teórico/metodológica na evolução da geografia para a compreensão da totalidade mundo que se processava, permitiu colocar o debate conceitual dos territórios em uma nova dimensão.

As atenções então se dirigiram aos diferentes e múltiplos “atores” que territorializavam diferentes recortes territoriais<sup>11</sup>. Nesse ponto, as condições de transformações e usos dos territórios estavam “mais voltada para o indivíduo [...] temos o território do indivíduo, seu ‘espaço’ de relações, seu horizonte geográfico, seus limites de deslocamento e de apreensão da realidade” (SPÓSITO, 2000, p. 113).

Essa nova abordagem permite visualizar a combinação dos elementos indivíduo, espaço, relações, que marcam os novos horizontes dos espaços, que tem como pano de fundo, as condições de poder que se estabeleciam, segundo objetivos específicos e de particulares (notadamente, os capitalistas), na reelaboração das relações sociais, oportunidade que a noção

de territórios é definida como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 79).

Por esta nova concepção, assiste-se a existência das perspectivas materiais, a exemplo de novas fronteiras; investimentos industriais; expansão dos guetos urbanos, mas também simbólicas, seja elas culturais e ou religiosas, ambas mediadas pela noção de poder. Este emerge não como possibilidade, mas sim como condição para que se execute novas participações dos capitais e implementação de materialidades sobre os territórios, o que permitiu inclusões de áreas/espacos estagnados.

Assim, expor toda essa discussão, partindo de uma trajetória conceitual e aplicativa de tais termos é sinônimo de entendimento mais amplo acerca da “confeção” de um novo Nordeste brasileiro, notadamente, quando se trata das cidades sertanejas no Ceará.

Dessa forma, desde a década de 1990 de forma mais intensa, tais cidades são marcadas por processos e dinâmicas próprias, oportunidade em que sobre as mesmas oportunizam-se cada vez mais uma conexão lugar/mundo, onde a seletividade dos investimentos as colocam dentro de uma totalidade que são formadas “dentro de outras duas totalidades, a formação socioespacial e sua relação com o mundo” (HOLANDA, 2007, p. 231).

A formação e a relação citada tem induzido ano após ano sobre as destacadas cidades mudanças não apenas no perfil de distributivo de sua malha urbana, mas principalmente, em seu conteúdo socioeconômico e importância/comando local e regional. Assiste-se nesse processo um conjunto dinâmico, variável e complexo, ilustrando uma nova ordem e condição urbana fora das regiões metropolitanas.

## **5. Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses: uma nova proposta conceitual**

A indução cada vez mais forte de uma conexão lugar/mundo, conforme já discutido anteriormente é mote de reforço e defesa para a constituição do conceito de Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses. A conjugação dos elementos e variáveis que compõem e explicam tal proposta conceitual (que se expõe em páginas seguintes) ajudam a revelar os novos e ampliados espaços urbanos de tráfego de investimentos/desenvolvimento, não apenas em nível local e ou regional, mas também, nacional, a partir dos interessados investidores/investimentos.

A composição de uma nova modalidade conceitual para estas realidades de transformações urbanas, localizadas em espaços sertanejos do Ceará, não tenciona ser uma totalidade fechada de compreensões sobre tais dinâmicas. Estas na verdade ocorrem e diferenciam-se quer numérico e ou qualitativamente entre as diferentes cidades.

Dessa forma, tal conceito objetiva apresentar-se como um “instrumento metodológico do conhecimento que expressa a essência do objeto; essência esta que, no caso tratado, revela as leis de movimento de uma realidade regional: sua origem, desenvolvimento e, eventualmente, seu desaparecimento” (BREITBACH, 1988, p. 11).

Pensando dessa forma é que se reconhece o papel das ciências no processo mobilizatório na produção dos conhecimentos: o de desvendar o mundo, explicitando o conteúdo, organização e rebatimentos de seus fenômenos, nas diferentes escalas espaciais, oportunidade em que é possível “ler” as diversas realidades que se materializam nos diversos lugares.

É nessa possibilidade que as diversas “leituras” em destaque são permitidas pelas ações empíricas de análise, momento em que os objetos de estudos conseguem transmitir impressões (geralmente superficiais), que muitas vezes não conseguem dar respostas precisas e definidas no processo investigativo sobre os objetos investigados.

É aí que as ciências, via arranjos metodológicos e instrumentais de trabalho conseguem ratificar e ou negar o que fora pensado em termos hipotéticos construídos no processo investigativo em que o sujeito pesquisador se propõe a fazer. Assim, na relação empiricista e metodológica há sempre a possibilidade conectiva entre os elementos do “real e ao mesmo tempo, a essência do objeto e a sua manifestação: entre elas há uma relação íntima, necessária e contraditória, cabendo à ciência desvendar essa relação” (*Op. cit*, 1988, p. 20).

Nesse ínterim de movimentações da relação em apreço é que surge então a formulação de conceitos, onde esta possibilidade “significa dizer que se teve acesso à essência do objeto, a partir do que podem ser percebidas as leis de movimento do real, seus desdobramentos, sua estrutura interna” (*Idem*, 1988, p. 21).

As essências, as suas movimentações e seus desdobramentos não estariam satisfeitos por meio de estudos e amostragens dentro do corpo científico da Geografia, se não houvesse o entremear discursivo e reflexivo das categorias de análise apontadas.

Destes fatos então apresenta-se os elementos e variáveis que tem influenciado a promoção conceitual de dinâmicas urbanas que se processam em espaços sertanejos do Ceará, conforme observa-se na tabela 1 logo abaixo.

**Tabela 1:** Elementos e Variáveis das Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejo do Ceará

Elementos e variáveis para Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearense	
Elementos	Variáveis
População	Êxodo rural; Migrações/mobilidade intramunicipal
Economia	Novos equipamentos comerciais/serviços; Novos investimentos/investidores.
Atrativos/condições infraestruturais	Políticas públicas; Parcerias público/privada.
Dinâmica imobiliária	Agentes Produtores do Espaço Urbano;

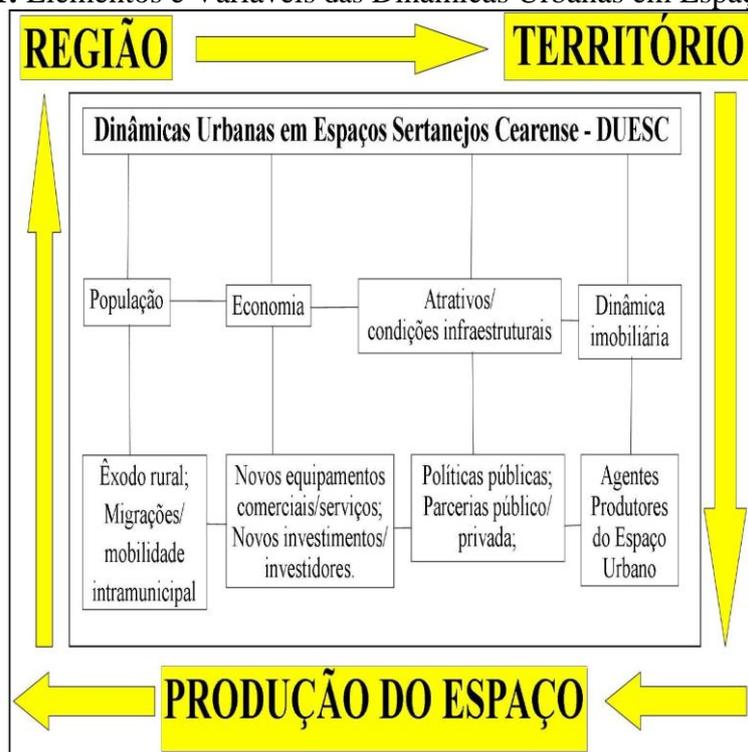
**Fonte:** LIMA, 2014.

Observa-se que o conjunto dos elementos e variáveis pensados para a construção do conceito proposto são além de complementares, dinâmicos, considerando a perspectiva de sua contínua reorganização e localização sobre os diferentes recortes dos espaços urbanos. A correlação das partes dá sentido à conceituação proposta. Oportuniza e simplifica compreender o que são de fato as cidades sertanejas cearenses em tempo atual.

Pensar nesse conjunto, sua disposição tal qual, é pensar que a totalidade espacial urbana é dinâmica, onde a lógica de ordenamento territorial se faz constante. A tessitura da cidade é comandada por interesses diversos. Territorializam-se diversas subterritorialidades. Os formatos de alcance de poder em escala regional de uma cidade pólo (no caso Sobral) é ampliado. Nessa possibilidade, as cidades comandadas, tendem de alguma forma e proporção, a serem influenciadas, impactando em diversas ordens e condições, as vidas de suas respectivas populações.

Esquemáticamente por meio do organograma 1 a seguir, é possível visualizar o corpo de composição dos itens descritos anteriormente e sua respectiva ligação.

**Organograma 1:** Elementos e Variáveis das Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejo do Ceará



**Fonte:** LIMA, 2014.

A partir da construção exposta e considerando os rebatimentos advindos do entrelaçar dos elementos/variáveis apontados, entende-se por Dinâmicas Urbanas em Espaços Sertanejos Cearenses (DUESC), o “conjunto de transformações aos quais estão submetidas as várias cidades sertanejas cearenses inseridas dentro de uma lógica de transformações infraestruturais, sociais e econômicas impulsionadas pela recente lógica de expansão e desconcentração de atividades econômicas/produativas no Brasil”.

Pelo organograma, enxerga-se que a hierarquia que compõe o corpo dos elementos e suas respectivas variáveis influenciam em um novo modelo de constituição urbana de cidades que localizadas em espaços sertanejos do Ceará, que pelo menos durante algum tempo – até a primeira metade dos anos de 1990 eram quase que “invisíveis” aos diversos e específicos objetivos de investimentos/investidores<sup>12</sup>.

Este fato tem possibilitado a emergência de um nova composição hierárquica urbana no Brasil que “responde diretamente aos avanços do modelo industrial e à oferta de equipamentos e serviços” (PENA *et al* 2011, p. 152). Nesse sentido, as cidades refuncionalizam-se. Comportamentos sociais são padronizados pela nova lógica de consumo. Há, enfim, uma nova dimensão do urbano nos sertões cearenses.

Em outras palavras, há uma constante alteração da malha territorial das cidades abarcadas. As mudanças em evidência vêm permitindo mais que a promoção de novos

“lôcus” urbanos sertanejos para investimentos: também o de renovação material (também imaterial) e imagética que há muito foram negadas/negligenciada em nível nacional e também local, resultando em fortes rebatimentos nas organizações sociais de tais lugares.

Estes rebatimentos se apresentam pelo visualizar das ampliadas capacidades de consumo, energizadas pela chegada de novos equipamentos de empresas/ serviços antes concentrados na capital do estado. Pelo aparecimento de novas formas e arranjos de moradias, marcadas de estilos e tendências que são sinônimos de luxo, segurança e conforto. Uma expansão ampliada e dialética do “corpo urbano” com o aparecimento de novas funcionalidades nos diferentes bairros, forçando às constantes revalorizações e alvo de ações especulativas dos agentes produtores espaciais.

Complementa esta caracterização, a expansão do raio de influências que se permite a partir da cidade de maior capacidade e importância infraestrutural/econômica sobre outras cidades a ela adjacentes e que fazem destas, cada vez menos dependente das forças e comando econômico/material centrados na capital Fortaleza. Deste fato, visualiza-se avolumadas mobilidades populacionais, de mercadorias, investimentos pelas estradas que algumas centenas de anos atrás eram desenhadas por rebanhos de gado e homens desbravadores no processo de colonização do Ceará.

## **6. Considerações Finais**

As acumuladas condições materiais de cunho capital no trajeto de evolução das cidades sertanejas cearenses respondem e justificam a dinamização imposta sobre seus solos, quer seja por seus diferentes usos, quer seja nas formas de edificação permitidas via específicas ações de interesses dos agentes produtores do espaço.

Ao lado destes interesses, soma-se a dinâmica dos elementos e variáveis enxergados na composição conceitual apresentada. O entrelaçar e operacionalização de relações construídas entre os mesmos, visto no organograma 1, facilita a compreensão das dinâmicas as quais passam tais cidades.

É desta possibilidade que se enxerga que independente dos tamanhos e funcionalidades das cidades localizadas em espaços sertanejos do Ceará, a promoção de um *frenesi* constante de apropriações do seu solo, momento em que se delimita a capacidade de acesso e diversidades de usos.

As desconcentrações econômicas, produtivas experimentadas no Brasil desde os anos de 1970 não respondem pelas totalidades das transformações aos quais tem passado as cidades sertanejas, mas permitem identificar traços e características de elementos e condições

que vem permitindo amplas e importantes mudanças urbanas sobre cidades “interiores” do Nordeste do Brasil.

Não é a toa que nesse sentido quando numa conversa informal com moradores de cidades pequenas como Cariré, Varjota<sup>13</sup> entre muitas outras sertanejas, ouvir-se alguns relatos em comum, tais como: “eita que esta cidade cresceu e se desenvolveu. Tudo nela é carístia. Até outro dia um pedaço de terreno no bairro “x” custava tanto e hoje tá um absurdo de caro”. Ao exemplificar estas duas espacialidades urbanas de tamanhos e importâncias diferentes, assiste-se pelas elucidações das pessoas uma movimentação de renovação dos respectivos solos urbanos, logo, de constantes valorizações.

É por meio destas reflexões que a composição conceitual foi pensada. Ampliar esse universo de discussões pode revelar alguns aspectos ainda guardados na sombra da constante evolução das muitas cidades sertanejas. É ai que cabe o desafio dos pesquisadores da ciência geográfica e das demais que tomam o urbano e a cidade como objetos de estudo e defesa: o da provocação e renovação de novos debates que explicitem outras facetas, ainda não mensuradas sobre tais discussões.

Nessa possibilidade, as cidades sertanejas cearenses que são muitas em nada são iguais. Seja no quantitativo populacional. Seja nos índices de IDH. Seja na capacidade de inserção/recepção dos investimento, fruto das desconcentrações produtivas já comentadas. Contudo, a composição explicitada no organograma 1 e sua respectiva dinâmica consegue dar “pistas” das transformações da(s)/na(s) cidade(s) em destaque.

Dessa forma, assiste-se como rebatimentos, o elevado preço que alcança os diferentes terrenos e imóveis em tais cidades. O crescimento e mobilidades populacionais, notadamente, entre os espaços urbanos e rurais. A chegada cada vez mais constante de comércios, serviços e profissionais especializados, antes exclusivos, de cidades de maior importância. Enfim, uma remodelação que atravessa e impacta particularmente os setores econômicos e sociais.

## **7. Referências Bibliográficas**

ABREU, R. C. ; ALMEIDA, M. A. . Abordagem conceitual de Região: a relação entre o Estado e a geografia escolar. In: **XVI Encontro Nacional de Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaço de resistência e de esperança.** Porto Alegre, 2010.

BRAGA, L. C. . Alguns apontamentos sobre a discussão da relação espaço e tempo na Geografia. In: 14 Encontro Latino Americano de Geografia, 2013, Lima. In: **XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina: Reencuentro de Saberes Territoriais Latinoamericanos.** Lima, 2013. v. 14. p. 01-14.

BREITBACH, Á. C. M. Notas sobre a importância metodológica dos conceitos. **Ensaio FEE**, Porto Alegre: FEE, v. 9, n.1, p. 121-125, 1988.

CORRÊA, Roberto.Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRA, D. A. O.; SPAGNOLI, M. V. ; ALVES, F. D. ; . O Conceito de Território e Região nas Políticas Públicas: Uma Discussão Inicial para o Entendimento dos Territórios da Cidadania. In: **V Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa "Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais"**, Santa Maria - RS: UFSM, 2009. v. 1.

FREIRE, Heronilson Pinto. **O uso do território de Sobral, Ceará pelas instituições de ensino superior**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

GODOY, P. R. T. . A Produção do Espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana. **Geosp**, São Paulo:USP, v. 23, p. 125-132, 2008.

HAESBAERT, R C. Região, diversidade territorial e globalização. **Geographia**, Niterói: UFF, v. 1, n. 1, 1999.

HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante de. **Modernizações e espaços seletivos no Nordeste brasileiro. Sobral: Conexão Lugar/Mundo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MIDDLEJ, Moema Maria Badaró Cartibani ; FIALHO, Nádia Haje. Universidade e Região. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista: UESB, v. 1, p. 171-189, 2005.

NEVES, P. C. . A formação do Espaço Urbano. In: **II Seminário de Pesquisa da Pós Graduação em História**. UFG/UCG, Goiânia-Go, 2009.

PENA, H. W. A. ; HERREIROS, M. M. A. G. ; AMARAL, M. D. B. ; PINHEIRO, A. C. L. . Dinâmica urbana do estado do Pará (2000-2008). In: Rafael Henrique Moraes Pereira; Bernardo Alves Furtado. (Org.). **Dinâmica Urbano-Regional - Rede Urbana e suas Interfaces**. Brasília: IPEA, 2011, v. , p. 145-183.

OLIVEIRA, Renato Almeida de . A Concepção de Trabalho na Filosofia do Jovem Marx e suas Implicações Antropológicas. **Kínesis**, Santa Maria: UFSM, v. 2, p. 72-88, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SAQUET, M. A. . Abordagens e concepções de território e territorialidade. **Revista Geográfica de America Central** (online), v. 2, p. 1-16, 2011.

SOTO, W. H. G. . O pensamento crítico de Henri Lefebvre. **Espaço Acadêmico**, Maringá: UEM, v. 12, p. 22-28, 2013.

SOUZA, Marcelo José. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias (et alli) (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1995, p. 77 - 116.

SPOSITO, Eliseu S. **Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico.** Tese de Livre Docência. Presidente Prudente: FTC/UNESP, 2000.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Scripta Nova**, Barcelona, v.93, 2001.

STAMM, C. ; WADI, Y. M. ; STADUTO, J. A. R. . **São as cidades médias responsáveis pelo espraiamento espacial da riqueza nacional?**. Revista REDES (Santa Cruz do Sul. Impresso), v. 15, p. 66-91, 2010.

---

<sup>1</sup> Provindo do grego *dynamike*, significa "forte".

<sup>2</sup> Esta palavra cabe nesta discussão se considerarmos que a mesma entre outras aplicações/possibilidades se vincula a ideia de convergência de partes que em conjunto trabalham com vistas a resultados próprios, mas também em comuns. Há de se observar nessa perspectiva, a cidade como resultado de forças de diferentes agentes transformadores do espaço urbano, com vistas à reorganização espacial urbana aos seus objetivos.

<sup>3</sup> Muitas destas cidades que não necessariamente são classificadas como médias vem apresentando dinâmicas próprias e que revelam-se a partir de seus novos conteúdos, notadamente, os estabelecidos sobre seus solos (a exemplo das novas formas de morar, de comércios e serviços, etc.). Assim, se comparando o tamanho populacional, os graus de desenvolvimento e a importância não apenas local, mas também regional, há de se perceber que cidades como Iguatu, Quixadá, Limoeiro do Norte, etc. (a título de exemplo) são diferentes. Contudo, quando estas, se comparadas à Sobral e Juazeiro (a título de exemplo de cidade médias) há também de se perceber a existência de elementos em comuns que condicionam rápidas transformações (comércio intenso; comando territorial sobre um raio de cidades menores; a presença de centros de estudos na confecção de mão de obra; novos equipamentos públicos e privados de serviços, etc.), daí falar em dinâmicas urbanas sobre cidades sertanejas do estado do Ceará.

<sup>4</sup> No texto, "A Reprodução das Relações de Produção", o referido vai "beber" nas leituras das obras de Karl Marx, onde por meio deste há uma série de indagações sobre a reprodução das relações sociais, notadamente sobre os vários sentidos da organização do espaço, considerando o contexto das lutas de classes e na sombra destas, o entendimento da expansão territorial do sistema capitalista. É interessante lembrar que este teórico é feito de algumas fases em suas discussões e elaborações textuais, marcando ricas contribuições à geografia e demais ciências humanas e sociais. Para ver este fato de forma ampliada ver o texto "momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação" (MACHADO, 2008).

<sup>5</sup> Com fortes críticas e complexos pensamentos acerca de sua composição na evolução do pensamento geográfico, optamos em fazer um ligeiro painel retrospecto de uso, com prioridade, na abordagem de território usado.

<sup>6</sup> Ver CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e o Caribe. El rostro de La urbanización en América Latina y el Caribe. Serviço de informação da CEPAL – Comunicado de imprensa. In: Conferencia regional sobre el programa de Hábitat. Chile, 2000. Disponível em: <<http://www.eclac.cl/cgibin/getProd.asp?xml=/prensa/noticias/comunicados/1/5041/P5041.xml&xsl=/prensa/tpl/p6f.xsl>>

<sup>7</sup> Ver SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Cidades médias e aglomerações urbanas: a nova organização do espaço regional no Sul do Brasil. In: I Simpósio Internacional Cidades Médias: dinâmicas econômicas e produção do espaço urbano. Anais. Presidente Prudente: Unesp, 2005.

<sup>8</sup> Ver MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

<sup>9</sup> Este termo tem forte ligação e inserção do Ceará, via investimentos e infraestruturas, em diferentes governos, a partir de 1960, encaixada em diferentes altos e baixos momentos de desenvolvimento econômico e social do Brasil.

<sup>10</sup> Longe de tencionar uma historicização dos diferentes debates, uso e aplicações às realidades geográficas, o uso deste termo aparece como forma de alicerçar a construção conceitual proposta, o que instiga a necessidade do resgate e debate de sua constituição.

<sup>11</sup> Consideremos as rápidas, concentradoras e dialéticas evoluções urbanas em países ricos e periféricos, além das rápidas e segregadoras transformações nos espaços agrícolas permitidas pela política ideológicas e mercantil da Revolução Verde, inauguradas a partir de 1960.

<sup>12</sup> Que até então acumulavam-se dentro dos quadros urbanos da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

<sup>13</sup> Segundo os últimos dados do IBGE de 2010, os respectivos municípios contavam com 18.348 e 17.584 habitantes.